

Prof. Dr. Célio Taniguchi, Digníssimo diretor da Escola Politécnica

Prof. Dr. Eduardo Camilher Damasceno, DD vice diretor da Escola Politécnica, a quem agradeço, em nome dos novos titulares, às generosas palavras

Prof. Dr. Antonio Helio Guerra Vieira, Prof. Dr. Francisco Romeu Landi, Prof. Osvaldo Fadigas Fontes Torres, DD ex-diretores desta casa

Bacharel Cristina Caprioli Lodi, Assistente Acadêmica

Colegas Membros da Congregação e Colegas professores

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Agradecimento às palavras do orador responsável pela saudação.

Tradição e Modernidade. Este é o moto com que esta Escola comemorou seu primeiro centenário, e que nos servirá de guia esta noite.

Para lembrar a tradição, examinemos o primeiro volume da Revista Politécnica, onde verificamos o interesse técnico e científico sempre presente, porém acompanhado de uma preocupação importante com as necessidades do meio social em que se a Escola se insere.

Lá encontraremos, entre artigos estritamente técnicos e matemáticos, importantes conselhos pedagógicos, como esta lição, da qual não devemos esquecer, quer em nossas aulas quer no que especificamos para que outros ensinem aos nossos alunos:

*“A solução de um problema, por pessoa de conhecimentos vastos, sendo quasi sempre a mais completa, é entretanto muitas vezes de perniciosos efeitos, porque, embora procure, com generoso afan, emprestar um rigorismo exaggerado aos seus calculos, nos denuncia a difficil transmissão de seu saber cuja compreensão nos custa o trabalho ingente de meditação profunda.”*

E também relatos que não sei se poderiam ser inteiramente endossados hoje, como deste documento encaminhado por Paula Souza ao Secretário do Interior:

*“Com satisfação cabe-me informar-vos que durante o anno de 1904, os alumnos mostraram-se sempre obedientes á disciplina escolar, comportando-se correctamente e cumprindo satisfactoriamente os seus deveres.”*

Mas o mais importante é a clara preocupação com os problemas da sociedade, e da contribuição da engenharia para sua solução, demonstrada através de estudos como “A construção da estrada de Ferro para Mato Grosso”, “A agua do Tietê”, “Análise chimica das terras”, “A ponte do aterrado do Gazometro”, e “O ensino profissional na democracia moderna”.

Mesmo assuntos aparentemente menores, mas importantes para o quotidiano da sociedade podem ser encontrados. Como exemplo, a discussão das vantagens das construções formadas por um armazém no térreo e uma unidade residencial no sobrado, hoje tão comuns que nem sequer nos ocorre poderem ter sido objeto de estudos de engenharia.

A lição a herdar desses tempos é a preocupação com a realidade que nos cerca, dentro e fora da Escola, e que foi certamente um dos fatores que construíram a grandeza e o respeito

de que nossa instituição tem desfrutado no século e pouco de sua existência, e que hoje se encontra muitas vezes descuidado, ou pelo menos não vem se constituindo como prioridade clara na mente de professores e alunos.

Tradição e Modernidade. A passagem da tradição para a modernidade passa pelo progresso. Dentre os conceitos da vida civilizada o progresso é um conceito com propriedades únicas. Se recorrermos aos textos mais antigos produzidos pelo homem, mesmo naqueles ainda de natureza indefinida, que podemos comparar a uma nuvem nos albores da história, que os ventos do tempo moldaram aqui como romance, adiante como prece, ali como discurso, mais além como ensaio, acrescido de ação como teatro, podemos observar que todos os elementos culturais humanos, como o amor, o dever, o valor do trabalho, a sabedoria, a procura da imortalidade, bem como todas as ambições humanas estarão presentes. Mas não encontraremos a noção de progresso.

Esta somente surgirá muito mais tarde, e só estará claramente representada na obra do escritor romano Tito Lucrécio Caro, que estamos mais acostumados a conhecer como o divulgador da teoria atômica inicialmente postulada por Demócrito.

Peço agora que todos me emprestem a sua imaginação, para que possamos contemplar a beleza com que este conceito é apresentado. Voemos para um lugar indefinido do espaço, na época descrita por Lucrécio, chegando numa noite escura, com o negror quebrado apenas pelo som ritmado de instrumentos primitivos.

Logo em seguida podemos ver uma pequena luz que se aproxima com movimentos regulares. Em seguida, mais atrás, outra, e outra mais... É possível sentir que o interesse dos circunstantes se volta para estes pontos, que tremeluzem e se aproximam.

E agora que estão mais próximas, podemos identificar as luzes como tochas, e que seu movimento se deve às pessoas que as portam. E, logo mais, bem próximas, permitem visualizar toda a cena, e compreender que se tratam de corredores, cada qual portando um archote. A sua espera, outros corredores, preparados e à espera de sua tocha, para que possam continuar a jornada recebendo, prontos e descansados, todo o caminho já percorrido pelos corredores que o antecederam.

Esta é a ideia do progresso passo a passo, onde cada qual contribui transportando a luz um pouco mais adiante, acrescentando, ora muito, ora pouco, à distancia já percorrida. Quando ouvimos Newton afirmar que pode ver mais longe por ter se apoiado nos ombros de gigantes, podemos sentir a sua intenção de homenagear àqueles que o precederam: Na verdade, não eram gigantes, mas foram muitos que colaboraram, de maneira mais direta ou mais remota, para que altura de um gigante fosse atingida.

Esta cena de transferência de archotes tem múltiplas dimensões. Representa não só o progresso "in abstracto", mas representa também muitas outras circunstâncias de nossas vidas, entre as quais esta em que nos encontramos, onde nós, novos titulares, recebemos as tochas que levaremos adiante, para um dia transferi-las àqueles que nos sucederem.

E o que nos oferece esta tocha? Ela nos traz luz e calor. Luz que representa a sabedoria, luz que ilumina nossos espíritos, luz que clareia a realidade que nos cerca, luz que serve de farol num mundo em permanente mudança. Calor que nos conforta nos momentos difíceis, que nos anima para a dedicação ao trabalho e ao próximo, calor que reconforta nossos corações.

Como aqueles corredores, por vezes anônimos e ocultos pelo escuro da noite, nós, engenheiros, somos os portadores, por vezes também anônimos e invisíveis, do progresso. E não somos só portadores do progresso, mas, como pesquisadores, o criamos; como professores, transmitimos os conhecimentos criados, e como cidadãos, somos seus mentores.

É também de Lucrécio o verso que começa com com “Suave mari magno” cuja tradução completa é “É doce, quando no vasto mar os ventos levantam as ondas, contemplar da terra firme os perigos a que os nautas se acham expostos”. Mas não somos dos que ficam em terra firme contemplando os perigos, mas somos os nautas que conduzem o progresso, e estamos agora agitados por várias tempestades. Temos de assumir o direção de nossos destinos para sobreviver às ondas que nos agitam.

Navegamos num mundo em revolução, como resultado de nossa própria obra como engenheiros e promotores do progresso. O desenvolvimento de novos meios de difusão e acesso à informação propicia uma revolução do mesmo porte que a descoberta da tecnologia de impressão por tipos móveis causou no fim da idade média. Não sabemos que mundo nos espera, mas sabemos que será bastante diferente do de hoje.

Mesmo sem poder contemplar com clareza este futuro, duas grandes questões se destacam ao contemplar a vida acadêmica. São gerais, e comuns a todas as Universidades em todos os países. A primeira é relativa à situação da Universidade no mundo, e a segunda é decidir o que ensinar num mundo em mudança.

A Universidade, como a conhecemos, data dos tempos medievais, e tem-se mantido ao longo dos tempos como um repósitório do saber em geral, predominante o literário e humano. O ensino e a pesquisa das ciências aplicadas vieram muito depois. Se Bolonha E Paris podem ostentar as mais antigas Universidades, podemos nos orgulhar de ter em nossa tradição a mais antiga das escolas de engenharia. Afinal, o que é uma Escola de Engenharia senão um estabelecimento de ensino e pesquisa voltado para o atendimento das necessidades práticas de uma sociedade, e formado por pesquisadores e professores de ciencias básicas e aplicadas, e técnicos colaborando na realizações das idéias e conhecimentos gerados? A mais antiga das instituições em que podemos reconhecer estas características é a Escola de Sagres, estabelecida no século 14.

Don Henrique, o Navegador e Escola de Sagres compartilhavam um mesmo lema: talent de bien faire. O talento de fazer bem. A engenharia resumida em uma frase. Afinal, este é o nosso talento: o talento de fazer bem; o talento de dirigir bem; o talento de ensinar bem.

Muito poderia ser dito sobre a história e a evolução das Universidades e Escolas de Engenharia ao longo dos séculos; mas, restringindo-nos ao hoje elas enfrentam o grande desafio do custo que representa a pesquisa científica. O jovem ingressante nessas instituições recebe meio salário, devendo complementa-lo com projetos que lhe caberá obter; recebe um meio laboratório, e terá de completá-lo também com recursos externos. Se este desafio estimula, esta situação traz forte desprestígio que desanima o jovem que pretende seguir a carreira acadêmica – afinal, em que outra profissão séria se encontra esta situação?

A segunda questão que se apresenta é o que ensinar para preparar os alunos para o exercício de uma engenharia cuja forma detalhada não podemos vislumbrar. Queremos que nossos alunos vejam os objetivos futuros, sintam a necessidade do trabalho, ouçam o chamado do dever, mas como conseguir estes objetivos sem uma ideia clara da forma de ser da sociedade em que estarão vivendo?

Para responder a estas questões precisaríamos poder realizar agora uma jornada através do futuro. Mas se o passado é um fio claro e definido, o futuro é um tecido informe em que incontáveis linhas de sonhos formam a urdidura de que a imaginação é a trama. É um sonho antigo e elusivo saber quais desenhos deste tecido de imaginação serão transferidos pelo tempo para o fio da história. Mesmo com os trajes que recebemos hoje não podemos saber como será esse novo mundo; afinal, esta faixa e estes pingentes não são cinto e o colar proféticos usados pelos antigos.

Aceitemos, pois, estas questões; deixe-mo-las presentes em nossas imaginações e mentes, para que possamos, ouvida a sabedoria dos antigos, ver o tempo esclarece-las, e sentir o momento apropriado para sua solução.

A sociedade se defronta com muitos outros desafios. Entre estes, agiganta-se o dos excluídos – não aqueles convencionalmente chamados de excluídos, que existem desde as origens da civilização, mas que, de alguma forma, a ela pertenciam; afinal, até mesmo os escravos das antigas civilizações eram elos necessários ao processo produtivo e à vida dessas sociedades. Referimo-nos ao novo tipo criado pelo desenvolvimento tecnológico, que os tornou desnecessários como elementos de produção, e pela evolução perversa economia, que os tornou dispensáveis do ponto de vista do consumo, transformando-os hoje numa coorte, amanhã em legiões de pedintes abismados numa existência vegetativa, estéril, perpetuamente subalterna. A mesma tecnologia e estrutura social que os criou tem o dever moral de resgata-los, e aqui deve avultar a nossa participação como engenheiros e pessoas humanas.

Enquanto estas palavras fluíam, os corredores se aproximaram, e, ouvindo o aplauso dos circunstantes, estão agora transferindo suas tochas para seus sucessores. Junto com eles, elevemos nossas tochas para que iluminem o nosso caminho! E enquanto os vemos afastar-se, cada um levando a sua volta um círculo de luz lembremo-nos que não podem ver além de uma curta distância, mas isto não os impede de prosseguir. Prossigamos com eles em direção ao futuro, iluminados pela sabedoria dos séculos, aquecidos pelo calor da fé, animados pela certeza da nobreza de nossos objetivos.

E relembremos aqui as idéias que nortearam nossos antecessores, tão bem representadas pelos artigos da Revista Politécnica: Usar os conhecimentos e a técnica para a solução dos problemas da sociedade, construindo de um futuro de prosperidade.

Dissemos atrás que não temos o poder de prever o futuro. Mas podemos fazer muito mais: podemos agir para merece-lo.

E as luzes das tochas se afastam, tornam-se pequenos pontos e junto com os ruidos que amainam desaparecem na noite, enquanto nossos espíritos voltam para esta sala.

Senhores, obrigado.